

ARTIGOS

A importância da capoeira para o povo brasileiro

Rafael dos Santos de Oliveira

Graduado em Licenciatura em Educação Física.
Cursa Licenciatura em História.

Atuou no ano de 2011 no Programa Escola Aberta onde ministrava aulas de capoeira.
Atualmente é servidor público municipal na prefeitura de Gravataí, onde exerce a função de Guarda Municipal.

Resumo:

Este artigo tem como objetivo compreender a importância da capoeira como uma das identidades nacionais do povo brasileiro. A metodologia utilizada neste estudo foi a ideográfica qualitativa interpretativa. Pois segundo Gaya et al (2008, p.58), “ [...] as investigações interpretativas pretendem compreender e interpretar os significados dos fenômenos e ações sociais”. O instrumento de análise utilizado foi a revisão de bibliográfica sobre o tema da capoeira, para que se pudesse verificar as diversas identidades construídas pela capoeira ao longo da história brasileira e como as classes dominantes e o Estado brasileiro lidaram com esta cultura popular. O resultado obtido com a pesquisa foi de que em determinado momento da história brasileira a capoeira sofreu grande repressão por parte do Estado e se constituiu como uma cultura de resistência as adversidades encontradas por seus criadores. Em outro momento é legalizada e incentivada como esporte nacional, pelo Estado brasileiro, que tenta manipular sua verdadeira história e tradições.

Palavras-chave: Capoeira. Identidade. Educação. Racismo. Esporte. Cultura.

Abstract:

This article aims to understand the importance of capoeira as one of the national identities of the Brazilian people. The methodology used in this study was a qualitative idiographic interpretation. Because according to Gaya et al (2008, p.58), "... the interpretive investigations intend to understand and interpret the meanings of phenomena and social actions". The analysis instrument used was a literature review on the subject of capoeira, so as to check the various identities constructed by capoeira throughout the Brazilian history and how the ruling classes and the Brazilian government have dealt with this popular culture. ... ". The results obtained from this research was that at some time in Brazilian history capoeira suffered great repression by the state and constituted itself as a culture of resistance to the adversity encountered by their creators. At another point it is legalized and encouraged as a national sport, by the Brazilian government, which tries to manipulate its true history and traditions.

Keywords: Capoeira. Identity. Education. Racism. Sports. Culture.

Introdução

O que conhecemos hoje como capoeira que é um jogo ou luta ou ainda dança, com certeza tinha outro significado quando os portugueses colonizaram este país. Durante boa parte da história da nação esta expressão cultural criada por africanos escravizados no Brasil Colônia foram vítimas dos meios de repressão do Estado. Entender como esta cultura de resistência sofreu modificações ao longo de sua história é um objetivo desta pesquisa. Da ilicitude até sua legalidade e seu registro como patrimônio imaterial da cultura Brasileira está exposto nesta pesquisa. Segundo Capoeira, “é importante entender que a capoeira – como um todo – reage aos acontecimentos políticos e econômicos de cada época; os que acontecem no Brasil e no mundo também”.¹

A metodologia empregada foi a ideográfica qualitativa, pois segundo Gaya, os problemas investigados pelo método ideográfico “estão relacionados com as necessidades dos grupos sociais, cujo propósito referem-se à compreensão de determinada situação sob o ponto de vista dos sujeitos envolvidos”.² Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a capoeira para responder as seguintes questões:

O que é identidade? A capoeira traduz o gesto corporal, cultural e ancestral do povo brasileiro? Quais identidades a capoeira forjou no seu percurso histórico? Como ocorre a deturpação da identidade da capoeira?

Origem brasileira ou africana

Para Rego, “a capoeira é uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros”.³ De acordo com Soares, “a capoeira configura-se como uma invenção escrava e urbana do Brasil”.⁴ Para Areias, a capoeira também tem sua origem em território brasileiro:

a capoeira é uma invenção dos africanos no Brasil, por necessidades e circunstâncias próprias da situação em que aqui se encontravam, embora grande parte dos elementos extraídos para sua criação tenha origem nas manifestações culturais africanas.⁵

Para Carybé, a capoeira tem uma origem africana, já existindo lá.

No bojo de páu dos veleiros do século XVI chegaram à Bahia os primeiros capoeiristas. Eram negros de Angola, talvez guerreiros, jogadores dessa luta em que os pés e a cabeça têm a máxima importância e as mãos passam a segundo plano. Luta efficacíssima contra os europeus que quase só empregam as mãos na defesa e no ataque.⁶

¹ CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira galo já cantou* / Nestor Capoeira – 2º ed. – RJ: Record, 1999. p. 221.

² GAYA, Adroaldo. *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 55.

³ REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola*. Salvador: Ed. Itapoan, 1968. p. 31.

⁴ SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negrada Instituição: os capoeiras no RJ 1850-1890*. Dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Campinas. Campinas SP. SN. 1993 p. 37.

⁵ AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. São Paulo: Brasilense, 1983. p. 19.

⁶ CARYBÉ. *O jogo da capoeira 24 desenhos de Carybé*. Livraria Turista – Salvador: 1951. p. 1.

É claro, que os negros africanos dominavam técnicas de combate corpo à corpo, no entanto, acreditamos que ela foi criada, no formato como conhecemos hoje, aqui no Brasil. Abreu aponta que é:

Um trabalho difícil estudar-se a capoeira desde a primitiva, porque não é bem conhecida em sua origem. Uns atribuem aos pretos africanos, o que julgo em erro, pelo simples facto que não é conhecida a nossa capoeiragem e sim alguns Sortes de Cabeça. Aos índios também não se pode atribuir porque apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os capoeiras, contudo, não conhecem os meios de ataque e defesa. O mais racional é que a capoeira criou-se, desenvolveu-se e aperfeiçoou-se entre nós.⁷

Conforme, Cascudo⁸, o que talvez motive os que defendem que a capoeira tem origem africana, é a existência do n'golo nos territórios ao sul de Angola. O n'golo é realizado no ritual de passagem da moça para a condição de mulher onde os rapazes fazem duelos. O vencedor deste confronto onde se usa muitos golpes com os pés tem o direito de escolher a moça com quem vai casar sem precisar pagar o dote.

Diante de um ambiente hostil e violento como era a vida escrava, onde homens exploram e torturam outros homens, podemos supor que o n'golo sofreu uma mutação no Brasil. Tendo seu significado modificado. Já que o significado, no continente africano, marcava a disputa pela jovem recém saída da puberdade, aqui no Brasil, transformou-se num meio de oposição, resposta e sobrevivência as agressões cometidas pelo colonizador lusitano e a escravidão.

Discussões

Identidade e capoeira

Para compreendermos a contribuição da capoeira como uma das identidades nacionais precisamos, conhecer sua origem, sua historia e como as classes dominantes ao longo do tempo lidaram com esta cultura popular. Entretanto, precisamos entender como se formam as identidades nacionais. Hall afirma que, “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”.⁹

Para Souza¹⁰, identidade é a imagem que as pessoas possuem de si mesmas e que outros têm delas. Para constituirmos uma identidade precisamos ter elementos comuns como: a língua que o povo fala, o lugar que habita, um passado comum, crença em alguns valores que todos deveriam ter.

Os africanos, que foram submetidos à escravidão no Brasil, possuem todos uma origem comum o continente Africano, embora, nem todos fossem de mesma etnia (ovimbundos, dembos, ambundos, imbangalas), nem falassem o mesmo dialeto. Porém, todos pertenciam ao grupo

⁷ ABREU. In: PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. Campinas, SP: s.n. 1996. p. 197.

⁸ CASCUDO, Câmara. *Folclore do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Brasil-Portugal, 1967. p.184-185.

⁹ STUART, Hall. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 48.

¹⁰ SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006. p. 105.

linguístico Banto (posteriormente, vieram os jejes e os iorubás) e possuíam características comuns entre si. Conforme Denys, “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas”.¹¹

Souza aponta que, “no Brasil, essas diferentes etnias, foram reagrupadas com os nomes Angolas, congo, benguela e cabinda, identificando os africanos pelos portos nos quais haviam sido embarcados ou pela região na qual eles se localizavam”.¹² Todos os africanos trazidos para laborar nos canaviais, na mineração e na plantação de café, tiveram o infortúnio de realizar uma longa viagem da África para o Brasil e foram submetidos a um regime cruel e desumano, a escravidão. Só através do uso da violência física e psicológica o lusitano impôs, ao africano o trabalho escravo já que, todos africanos tiveram que adotar o Brasil como novo lar. De acordo com, Areias:

Sem conhecerem a nova terra, apartados de suas famílias e dos seus hábitos e costumes, sem falarem a mesma língua, pois eram divididos em grupos de dialetos diversos para dificultar-lhes a comunicação e eventual organização e rebelião, doentes, subnutridos, acuados como bichos, sem acesso a qualquer tipo de armas e totalmente vigiados, para os escravos era muito difícil lutar e reagir contra esse estado de coisas.¹³

Nestas condições de desigualdades e injustiças se formou a diáspora afro-brasileira (banto, jejes e iorubás), juntamente com a cultura indígena contrapondo a cultura dominante, onde a capoeira é o produto cultural desta resistência.

O colonizador português, para perpetuar a dominação e manter o regime escravocrata durante três séculos se utilizou os mais diversos meios além do uso da força. Era preciso investir na criação de identidades, estereótipos, estimular a diferença. De acordo com Silva, “a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas”.¹⁴ Nasce assim, o preconceito racial no Brasil.

O preconceito racial, no Brasil, foi criado a partir da interação entre dois grupos, uma classe política e economicamente dominante que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e estigmatizou o outro grupo, neste caso, o dos não brancos, caracterizando-o como de qualidade inferior, crença que passa a ter a função de justificar a dominação sobre ele. Concomitantemente, à medida que o grupo dominado passa a compartilhar as crenças sobre si mesmo e se submete à dominação, o processo passa a ser legitimado.¹⁵

Um dos métodos mais eficazes utilizados pelos lusitanos, para manter o controle sobre a população escrava era a tipificação física. A ascendência africana, a cor da pele, apontava sua proximidade com a escravidão. No século XIX, segundo Souza “ser negro era acima de tudo ser

¹¹ CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. (Tradução de Viviane Ribeiro). Bauru: edusc, 1999. p. 182.

¹² SOUZA, 2006, p. 85.

¹³ AREIAS, 1983, p. 11.

¹⁴ SILVA, 2000, p. 81.

¹⁵ FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: Identidade em Construção* – SP: EDUC RJ: Pallas 2009. p. 51-52.

suspeito de ser escravo, mesmo que fosse livre”.¹⁶ Assim, de acordo com Silva, “a identidade é marcada pela diferença”.¹⁷

A diferença se fez presente na sociedade escravocrata. Segundo Souza¹⁸, os negros foram classificados em: boçais, escravos novos oriundos da África que não falavam português e não conheciam os costumes da terra; ladinos, africanos já aculturados, dominando o português e obedientes aos senhores; crioulos, eram os nascidos no Brasil, possuíam o português como primeira língua, na maioria das vezes eram batizados e imitavam os costumes lusitanos ao menos na presença de seus senhores.

Diante de um sistema repleto de desigualdades, opressor e violento o negro não aceitava passivamente esta condição. Para Cuche, “o sentimento de uma injustiça coletivamente sofrida provoca nos membros do grupo vítima de uma discriminação um forte sentimento de vinculação à coletividade”.¹⁹

Desta maneira, foi a cultura o elo de união de todos os submetidos à escravidão, pois nos momentos de folga, surgem as danças, os cantos, os ritmos vindos de tradições e de raízes, forjando uma consciência em busca de liberdade que todos almejavam. Para Soares, a capoeira no século XIX:

[...] era bem mais que uma forma de resistência escrava. Era uma leitura do espaço urbano, uma forma de identidade grupal, um recurso de afirmação pessoal na luta pela vida, um instrumento decisivo do conflito dentro da própria população cativa.²⁰

A capoeira, além de ser, uma expressão de rebeldia ao sistema escravocrata, servia de núcleo para o fomento da resistência, onde vários indivíduos na mesma situação se encontravam e compartilhavam suas angústias, alegrias e a difusão do conhecimento da capoeira. Conforme Silva, “a política de identidade concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado”.²¹ Para Soares, a capoeira tinha um significado bem diferente do que é atualmente. Seus estudos apontam uma “ritualização que obedecia um objetivo determinado: a consolidação do grupo sua identidade sendo cristalizada pela ação conjunta, pela auto defesa grupal”.²² Ainda para este mesmo autor uma das principais formas associativas ocorria através das maltas:

A malta de capoeira é a unidade fundamental da atuação dos praticantes da capoeiragem. Formada por três, vinte e até mesmo cem indivíduos, a malta era a forma associativa de resistência mais comum entre os escravos e homens livres no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.²³

¹⁶ SOUZA, 2006, p. 94.

¹⁷ SILVA, 2000, p. 9.

¹⁸ SOUZA, 2006, p. 89.

¹⁹ CUCHE, 1999, p. 191.

²⁰ SOARES, 1993, p. 46.

²¹ SILVA, 2000, p. 34.

²² SOARES, 1993, p. 94-95.

²³ SOARES, 1993, p. 59.

De acordo com Reis, “a prática da capoeira, ao tornar possível um certo grau de autonomia do indivíduo em relação à elite proprietária, introduz um elemento de desordem, constituindo-se então como mais uma das contestações à ordem escravista”.²⁴ Por ser uma grave resistência e ameaça ao regime escravocrata a capoeiragem e seus praticantes tornam-se um grave problema de segurança pública, e passam a ser perseguidos e reprimidos pelos portugueses que passam a criar estereótipos negativos aos capoeiristas.

Rego afirma que, “o capoeira desde o seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinquente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-lo e puni-lo”.²⁵ Entretanto, conforme estudos de Pires, “a maioria dos capoeiras comprovaram manter vínculos com o ‘mundo do trabalho’, descaracterizando o estereótipo de vadios, construído em relação a eles”.²⁶ Já que o negro escravo realizava toda espécie de trabalho é até uma contradição classificar o mesmo como vadio.

A capoeira traduz o gesto corporal, cultural e ancestral do povo brasileiro?

Sodré aponta que, “a capoeira, é um jogo com identidade cultural, ou seja, é uma atividade corporal que remete a uma história e seus desdobramentos na atividade concreta dos sujeitos”.²⁷ Através da capoeira podemos conhecer a história de um povo que lutou e resistiu a todo tipo de adversidade imposta, como: a escravidão, a repressão, a perseguição e a estigmatização. Para Cuche, a identidade cultural “é uma propriedade essencial inerente ao grupo porque é transmitida por ele e no seu interior, sem referências aos outros grupos”.²⁸ Sodré, afirma que a capoeira é:

[...] é um conjunto ritualístico de procedimentos, voltado tanto para o combate contra um adversário como para a expressão do júbilo corporal, dentro do quadro histórico e mítico da etnia dita negro-brasileira, cujos valores também são de tradição.²⁹

A ancestralidade na capoeira esta vinculada não somente a uma linhagem de mestres, mas principalmente na questão religiosa de origem africana, o candomblé. Pois, as religiões de origem africana também foram alvo dos aparelhos repressores do Estado. E assim como a capoeira, tiveram que traçar estratégias para sua prática, difusão e ensino.

Mattos, afirma que o culto do candomblé

[...] resume-se na prática de oferendas aos ancestrais e no processo de iniciação dos participantes no ritual de possessão. Ainda para o citado autor “esses ancestrais,

²⁴ REIS, Letícia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil*. 1º Ed. São Paulo, 1997. p.92.

²⁵ REGO, 1968, p.291.

²⁶ PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. Campinas, SP: s.n. 1996. p. 201.

²⁷ SODRÉ, Muniz. *Capoeira e Identidade – Esporte com Identidade Cultural*. Org. José Eduardo de Souza e Silva. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996. p. 68.

²⁸ CUCHE, 1999, p. 180.

²⁹ SODRÉ, 1996, p. 64.

relacionados à fundação das principais linhagens africanas, são denominados orixás e voduns e se comunicam com os devotos por meio da possessão.³⁰

Sodré afirma que:

[...] os orixás, os voduns ou os inquices não são entidades apenas religiosas, mas principalmente suportes simbólicos – isto é, condutores de regras de trocas sociais, assim como de ‘textos’ éticos – para a continuidade de um grupo determinado.³¹

Ainda para o mesmo autor a capoeira é:

Uma forma de resgate de experiências expressivas não verbais, em conexão com as experiências fundamentais de coordenação motora. É ademais expressão, no sentido da transmissão deliberada de valores da vicissitude constitutiva da identidade afro-brasileira.³²

Desta forma, não podemos definir a capoeira apenas como um jogo ou um esporte, pois ela carrega em sua constituição elementos religiosos de diversas culturas africanas que foram submetidas à escravidão no Brasil. Praticá-la atualmente sem estes valores culturais é uma forma de deturpação pois, não será uma capoeira de tradição.

A capoeira de tradição

A capoeira de tradição é uma cultura popular. Cuche define cultura popular como: “culturas de grupos sociais subalternos. Elas são construídas então em uma situação de dominação”.³³ Arantes, afirma que cultura popular é antes de mais nada, consciência revolucionária “um tipo de ação sobre a realidade social”.³⁴

Desta maneira, a capoeira teve que se constituir como cultura de resistência ao regime escravocrata, já que o Estado detinha o monopólio da repressão e dominação às populações escravizadas. Esta cultura de resistência é oriunda de uma tradição milenar, com raízes profundas e visões de mundo bem específicas que na situação de escravos toma novos rumos para responder as suas necessidades.

Assim, a capoeira é revolucionária porque contesta os valores impostos pelas classes dominantes da sociedade, pois, suas origens são da luta contra a dominação. Sua ação dentro de sua tradição, revela outros valores que estão dentro de outra visão de mundo, aonde a humildade, a genuinidade, o respeito, o orgulho da sua história e ancestralidade conduz a perceber-se no mundo como um ser sujeito. Sendo assim, um ser sujeito é aquele que não aceita a realidade imposta por uma ideologia dominante. Para Löwy, “ideologia é qualquer concepção da realidade social ou política, vinculada aos interesses de certas classes sociais”.³⁵ Accurso, afirma que o capoeirista “consegue ao longo de seu desenvolvimento, situar-se na história do Brasil,” fazendo que o negro

³⁰ MATTOS, Regiane Augusto de. História e Cultura Afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2007. p. 160.

³¹ SODRÉ, 1996, p. 66.

³² SODRÉ, 1996, p. 68.

³³ CUCHE, 1999, p. 149.

³⁴ ARANTES, 1963, 54-55.

³⁵ LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1988. p.12.

compreenda “todo o processo a que foi submetido, regatando sua cultura, seus valores, sua contribuição na formação do povo brasileiro,”³⁶ contrapondo desta maneira: a história difundida pelas classes dominantes, de uma participação submissa e sem lutas do movimento negro na constituição da nação brasileira.

Quais identidades a capoeira forjou no seu percurso histórico?

Analisando, o histórico da capoeira transcrito neste trabalho, podemos afirmar que houve muitas identidades construídas e até atribuídas à capoeira em sua trajetória. No início da invasão portuguesa no século XVI até o século XXI temos no Brasil uma identidade da capoeira associada:

1 – *a natureza* – ao mato ralo origem do nome da capoeira, que na língua guarani é *caapuêra*³⁷, as entidades religiosas como orixás, a integração com a cultura indígena. Desta maneira, há integração com outros seres do reino animal, vegetal e mineral. Isto dá uma composição de equilíbrio com a natureza o que é chamado de totalidade. Para Sodré, esta totalidade é a “harmonia entre o corpo e espírito comandando continuamente a ação do sujeito”.³⁸ Nesta integração muitos movimentos da capoeira, são batizados com nomes de animais, do vento, do mar.

2 – *de rebeldia* – negação de uma inferioridade imposta para justificar a escravidão. Encontra na cultura da capoeira um suporte para fortalecer e construir uma identidade de resistência, um meio de pertencer a um grupo e uma forma de sobrevivência, contrapondo assim, a cultura dominante.

3 – *ao lúdico* – através da brincadeira nos momentos de folga, nos desfiles ou em procissões, se fazia a prática da capoeira como diversão e libertação do corpo. E até como forma de disfarce à repressão. A capoeira é associada à vadiagem a distração.

4 – *de confiança e eficiência* – através da prática da capoeira e de seus fundamentos desenvolve-se a confiança através, domínio corporal concretizando-se a eficiência de luta pela liberdade. Segundo Campos, a capoeira “tem uma influencia marcante no aspecto cognitivo, afetivo, e motor. Estimula a coragem, a autoconfiança, a autoestima, a cooperação, a formação do caráter e da personalidade”.³⁹

5 – *política* – rebelar-se contra o sistema exige consciência, através dela há um posicionamento frente a realidade que esta inserido. Exemplo da tomada de consciência é o movimento abolicionista que intelectualmente pleiteava o fim da escravidão de forma institucional pelo Estado. E a atuação das maltas de capoeira, que decidiam os pleitos, embora fosse vedado o direito ao voto aos negros, os capoeiristas acabavam decidindo indiretamente ou diretamente os resultados dos pleitos eleitorais.

³⁶ ACCURSO, Anselmo da Silva. *Capoeira um Instrumento de Educação Popular*. Porto Alegre, 1995. p.122.

³⁷ REGO apud Soares, 1968, p.17-18

³⁸ SODRÉ, 1996, p. 68.

³⁹ CAMPOS, Hélio. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*. (Mestre Xaréu). Salvador: EDUFBA, 2009. p. 90.

6 – *de vadio e marginal* – quando na proclamação da república a capoeira torna-se um ilícito penal com o artigo 402 “dos vadios e capoeiras”. Neste caso há uma exclusão total perante uma lei que estabelece comportamentos inaceitáveis pela sociedade. Assim, estabelece-se uma identidade que é negada pelo sistema.

7 – *como esporte nacional* – a valorização de uma cultura reprimida emerge na necessidade de um novo governo legitimar-se e ter apoio do povo. Exemplo quando é instituído no Estado Novo de Getúlio Vargas a valorização do nacionalismo através do negro e suas práticas culturais na constituição de uma nação.

8 – *de afirmação da cultura negra* – Já no século XXI por meio de políticas afirmativas promovidas pelo movimento negro, onde o Estado teve que atender suas reivindicações como o acesso à universidade, a cargos públicos (através das cotas) e a difusão da cultura africana através da lei 10.639/2003, e a declaração da capoeira como patrimônio cultural em 2008 pelo IPHAN.

A deturpação da identidade da capoeira

A deturpação da identidade da capoeira ocorre no início do século XX, quando o Estado Novo de Vargas tem o objetivo de se apropriar das culturas populares, visando à popularidade do regime através do esporte.

Em entrevista a revista da biblioteca nacional Gil Cavalcanti (Mestre Gil Velho) afirma que:

Quando o universo interpretativo da origem e identidade da capoeira muda, há uma ruptura da capoeira como movimento social. Nasce uma capoeira sem identidade social, construída a partir dos discursos intelectuais, tanto o carioca como o baiano. A capoeira atual tem toda sua construção relacionada aos discursos nacionalistas do final do século XIX e começo do XX, em duas linhas básicas: a capoeira carioca, com sua “ginástica nacional”, e a baiana, com seu “projeto regional”.⁴⁰

Temos assim, o que Hall, chama de tradição inventada:

Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes inventadas... Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.⁴¹

Este passado histórico adequado será aquele idealizado para as classes dominantes onde o período escravocrata é perpetuado como pacífico sem lutas pela classe dominada. Será a história da Princesa Isabel sancionando uma lei que na prática já vigorava nas ruas do Império diante da tomada de consciência dos explorados, o que é negado. Será a visão estereotipada do negro e de suas práticas culturais.

⁴⁰ CAVALCANTI (15/06/2008)

⁴¹ STUART, 2002, p. 54.

Portanto, uma das deturpações na identidade da capoeira acontece quando o Estado a promove como um esporte. Cuche relata que “a ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais. Sua lógica radical é a da ‘purificação étnica’”.⁴² É o que estava em vigor e foi incentivado pelo Estado, principalmente após o golpe militar de 1964, onde houve grande ênfase ao nacionalismo. Para Cuche, “a exaltação da identidade nacional pode levar somente a uma tentativa de subversão simbólica contra a afirmação da identidade”.⁴³ Ou seja, a construção de uma nova identidade para capoeira através do esporte. Assim ocorre uma descaracterização da capoeira e são lhe atribuídos novos valores há uma aproximação com as artes marciais orientais. Segundo Capoeira:

[...] a capoeira veste “uniforme”; cria sistema de graduação; racionaliza cada vez mais a metodologia de ensino em favor da eficiência (de luta) e em detrimento do ritual, da criatividade, da “brincadeira”; realiza campeonatos; tenta oficializar uma nomenclatura oficial, acabando com os regionalismos; cria as federações ligadas ao CND (Conselho Nacional de Desporto); conquista os jovens de classe média, além da já tradicional clientela das classes economicamente desfavorecidas espalhando-se pelo Brasil e fazendo cabeça-de-ponte na Europa e EUA.⁴⁴

Campos aponta que a capoeira tornou-se oficialmente um esporte “em 1972, pelo conselho nacional de Desportos, tendo um enfoque especial para competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos”.⁴⁵ O estilo de capoeira cooptado pelo Estado para deturpar a identidade da capoeira foi à capoeira regional de Mestre Bimba. Entretanto, Mestre Bimba acabou sendo uma vítima do Estado, e não um deturpador da cultura de seu povo. Mestre Bimba era contrário às deturpações que estavam ocorrendo na capoeira e que eram promovidas pelo órgão municipal de turismo da Bahia, com o intuito de, criar apresentações que fossem agradáveis aos turistas, como aponta Rego (1968), para contrapor estas ações Mestre Bimba cria a luta regional baiana. Abreu afirma que “[...] é possível que por trás do convite para a capoeira se apresentar no palácio estivesse uma forma sutil de apresentá-la como resíduo exótico e pitoresco de ‘nossa herança cultural’[...]”.⁴⁶ Pode-se, deduzir que a real intenção do Estado ao legalizar a capoeira, incentivá-la como um esporte nacional, com certeza não era tê-la como uma manifestação cultural de contestação à ordem vigente durante o Brasil Colônia e Império. E sim construir valores adequados e aceitáveis pelas classes dominantes, que tinham interesse em criar um passado sem lutas e contestações dos explorados os negros e tornar a capoeira como uma prática de origem mestiça.

O surgimento da capoeira angola organizada pelo Mestre Pastinha também, tentava inserir-se como um esporte. Segundo Campos:

Pastinha teve como meta expandir a Capoeira Angola, querendo que fosse conhecida pela população baiana, como um esporte, e não ‘ficasse como uma prática cultural típica da

⁴² CUCHE, 1999, p. 188.

⁴³ CUCHE, 1999, p. 199.

⁴⁴ CAPOEIRA, 1999, p. 224-225.

⁴⁵ CAMPOS, 2009, p. 92.

⁴⁶ CAMPOS, 2009, p. 82.

escravidão, quando, segundo ele, a violência entre os praticantes teria chegado aos extremos.⁴⁷

Para Soares, a capoeira “era simplesmente uma válvula de escape da sufocante rotina da escravidão. Assim o cativo devolvia a truculência e a brutalidade que sob ele era jogada cotidianamente [...]”.⁴⁸ Desta maneira, Mestre Pastinha também foi uma vítima do Estado, pois teve que adotar uma postura idealizada pelas classes dominantes que desejavam que a capoeira fosse despojada de toda sua história de luta de resistência à ordem vigente. Campos relata que Mestre Pastinha “[...] desfez os preconceitos de capadócio, de desordeiro, de malandro, de desordeiro com a qual a classe dominante tentou estigmatizar e sequestrar a capoeira e seus praticantes”.⁴⁹

No contexto, em que Mestre Bimba e Mestre Pastinha viveram a única forma encontrada de ambos vislumbrarem a prática de sua cultura (a capoeira), fora da ilicitude foi através do esporte. Segundo, Santin:

Nenhuma prática social escapa ao controle ideológico do sistema de significações da ordem cultural. As invenções esportivas constituem apenas uma das possibilidades destas manifestações culturais. Um esporte é reconhecidamente pertencente a uma ordem cultural quando reproduz, no ato de sua instauração, os valores da cultura que lhe emprestou as condições de sua gênese.⁵⁰

Ambos, de certa forma, foram cooptados pelo Estado, para que a prática da capoeira fosse legalizada com o intuito de proporcionar o apoio popular necessário à implementação dos regimes ditatoriais e tentar apagar da história nacional a participação dos negros na consolidação do Estado brasileiro.

Conclusão

Através do estudo da história da capoeira, percebe-se que em sua trajetória é um dos raros momentos em que está documentada uma representação positiva do negro. Onde ele é visto como herói. Embora, a cultura dominante etnocêntrica venha tentando desconstruir isto.

A visão deformada de tais qualidades, criada pelo europeu colonizador, que veio legitimar historicamente a dominação e o genocídio, direto ou indireto, dos indivíduos considerados “diferentes”, não-brancos, determina dificuldades para o desenvolvimento da identidade dos brasileiros afrodescendentes, além de efeitos nocivos nos relacionamentos pessoais, por terem suas construções simbólicas articuladas em torno de referenciais de identidades associadas a inferioridade e a outros valores vistos socialmente como negativos.⁵¹

O local onde é perpetuado e disseminado a dominação e uma visão estereotipada do negro é através da instituição escola. Todos os atributos que foram construídos com o intuito de desqualificar o negro e justificar a escravidão serão encontradas e reproduzidas na escola às vezes

⁴⁷ CAMPOS, 2009, p. 40.

⁴⁸ SOARES, 1993, p. 47.

⁴⁹ CAMPOS, 2009, p. 41.

⁵⁰ SANTIN, Silvino. *Esporte com Identidade Cultural*. Org. José Eduardo de Souza e Silva. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996. p. 22.

⁵¹ FERREIRA, 2009, p. 47.

diretamente ou indiretamente. *Segundo Triunfo, “o atendimento e o entendimento do aluno de origem africana, hoje, é desrespeitoso e possui falhas pedagógicas”.*⁵² Para complementar este trágico quadro faz parte da construção e manutenção do racismo, segundo Ferreira, “apresentar as culturas africanas como folclóricas, primitivas e inferiores, se comparadas à branco européia”.⁵³

Para tentar reverter toda esta estrutura de perpetuar a estereotipação e o racismo no ano de 2003 no governo de Luís Inácio da Silva (Lula) edita a lei 10.639/2003 que em sua redação diz:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos. 26-A, 79-A e 79-B: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

A eleição do Presidente Lula, marca na história brasileira a chegada do primeiro operário como chefe da nação. Um homem oriundo das camadas populares, em seu governo vai atender a várias demandas de diversos setores da sociedade até então não atendidos, entre eles o movimento negro que pleiteava o reconhecimento oficial por parte do Estado da participação do negro na formação da nação brasileira.

Nesta nova relação, entre o Estado e a capoeira, muitos capoeiristas articulam-se com a finalidade de que a capoeira fosse registrada como patrimônio imaterial da cultura brasileira. Pois, a partir da década de 1980, a capoeira expande-se por vários países do mundo difundindo desta maneira, a cultura afro-brasileira, a língua portuguesa e o turismo. Leal e Oliveira, afirmam que, a capoeira juntamente com o samba e o carnaval “é uma rica expressão da cultura afro-brasileira tanto no Brasil como no exterior”.⁵⁴

Toda esta conjuntura favorável a prática e difusão da capoeira jamais imaginada por capoeiristas do início do século XX, se concretiza no registro da capoeira, “em 2008, como bem da cultura imaterial do Brasil, por indicação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do Ministério da Cultura”⁵⁵, como aponta Leal e Oliveira. Foi um processo que já se estava esperando, pois federações e Conselhos Regionais de Educação Física tentam impor um monopólio de ensino da capoeira. Silva através de resoluções como a de número 46, de fevereiro de 2002, especifica as atribuições do profissional em educação física. De acordo com Silva:

A resolução incorre em alguns equívocos, desde o de designar como função profissional o desenvolvimento de valores que não dependem exclusivamente da intervenção de uma categoria de trabalhadores, como reduzir a interpretação de diferentes manifestações

⁵² TRIUNFO, Vera. *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991. p. 30.

⁵³ FERREIRA, 2009, p. 52.

⁵⁴ OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 43.

⁵⁵ OLIVEIRA, 2009, p. 43.

culturais e artísticas pelo viés da aptidão física, como no caso da dança, ioga, artes marciais e, especificamente a capoeira.⁵⁶

O registro como bem imaterial da capoeira é importante, pois através deste ato segundo, “o registro possibilita o desenvolvimento de medidas governamentais de suporte à comunidade da capoeira, a exemplo de um plano de previdência social para os velhos mestres da capoeiragem [...]”.⁵⁷ Também possibilita o reconhecimento do notório saber dos mestres pelo Ministério da Educação, o que permite o ensino da capoeira, pelos Mestres sem formação superior corrigindo a distorção da resolução do Conselho Federal de Educação Física.

No segundo mandato do Presidente Luís Inácio da Silva (Lula), o movimento negro alcança mais uma vitória na busca do resgate e valorização da cultura negra, com a edição da lei 12.888/20/07/2010 que institui o Estatuto da Igualdade Racial. Dentre varias medidas de proteção contra a discriminação racial sua redação contempla a capoeira:

Seção III

Da Cultura

Art. 19 O poder público garantirá o registro e a proteção da capoeira, em todas suas modalidades, como bem de natureza imaterial e de formação da identidade cultural brasileira, nos termos do Artigo 216 da Constituição Federal.

Parágrafo único. O poder público buscará garantir, por meio dos atos normativos necessários, a preservação dos elementos formadores tradicionais da capoeira nas suas relações internacionais.

Seção IV

Do Esporte e Lazer

Art. 21 A capoeira é reconhecida como desporto de criação nacional, nos termos do artigo 217 da Constituição Federal.

§ 1º A atividade de capoeirista será reconhecida em todas as modalidades em que a capoeira se manifestará, seja como esporte, luta, dança ou música, sendo livre o exercício em território nacional.

§ 2º É facultado o ensino da capoeira nas instituições públicas e privadas pelos capoeiristas e mestres tradicionais, pública e formalmente reconhecidos.

Esta série de legislações garantido a difusão da cultura da capoeira, reflete a preocupação do governo Lula em preservar as raízes e tradições da capoeira, pois entende sua importância na identidade nacional. Segundo, Campos:

⁵⁶ SILVA, Paula Cristina da Costa. A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização. Dissertação de Mestrado Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: sn, 2002. p. 173.

⁵⁷ OLIVEIRA, 2009, p. 44.

[...] a capoeira é um caminho lúdico para a sobrevivência de nossa cultura, oferecendo um braço forte para resistir à nossa própria alienação de nós mesmos. A capoeira é o braço da história com a cultura popular, para resgatar nossa condição de povo.⁵⁸

Hoje, mais do que nunca, estamos em um processo de afirmação de uma identidade nacionalista, a partir de raízes e tradições das diversas etnias que para cá se reuniram e afirmaram seus desejos, sentimentos e sua cultura. Campos afirma que:

[...] os verdadeiros mestres, comprometidos em repassar o legado recebido, criam estratégias próprias e, com um dinamismo fora do comum, vencem obstáculos, preconceitos e mantêm as tradições, transmitindo para os alunos um jeito de ser brasileiro, e de viver a realidade a partir dos substratos que a história popular oferece.⁵⁹

Desta forma, a capoeira que deve ser ensinada e difundida é aquela que não negue sua origem escrava e seu passado de contestação e não aquela capoeira comercial com adoção de graduações e outros modismos. De acordo com Campos, Mestre Bimba lutava para difusão de uma capoeira que agregasse a história de luta do negro, a sua cultura.

Mestre Bimba tinha que resistir, mostrar o valor do povo afrodescendente, a capacidade do negro, sua importância cultural, quebrar os preconceitos, participar da sociedade na sua plenitude, ser brasileiro e acima de tudo mostrar um jeito simples de ser gente.⁶⁰

A importância da capoeira para identidade brasileira traduz história, tradição, luta, afirmação, cidadania e a busca da igualdade social. Ela é o produto cultural deste movimento pelo direito de ser gente. Através da capoeira podemos resgatar toda história do negro no Brasil e sua contribuição na formação de nossa sociedade, e almejar uma sociedade sem discriminação.

Referências

ABREU, Frederico José. *Capoeiras Bahia, Século XIX Imaginário e Documentação*. Salvador, Instituto Jair Moura, 2005.

ACCURSO, Anselmo da Silva. *Capoeira um Instrumento de Educação Popular*. Porto Alegre 1995.

ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. 8ªed.: Brasiliense 1985.

AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAMPOS, Hélio. *Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba*. Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. *Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência*. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

⁵⁸ CAMPOS, 2009, p. 119.

⁵⁹ CAMPOS, 2009, p. 87.

⁶⁰ CAMPOS, 2009, p. 119.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira galo já cantou*. 2º ed. RJ: Record, 1999.

CARYBÉ. *O jogo da capoeira 24 desenhos de Carybé*. Livraria Turista – Salvador: 1951.

CASCUDO, Câmara. *Folclore do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Brasil-Portugal, 1967.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. (Tradução de Viviane Ribeiro). Bauru: edusc, 1999.

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: Identidade em Construção* – SP: EDUC RJ: Pallas 2009.

GAYA, Adroaldo. *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1771> acessado em: 20/05/2011.

<http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-1/estatutos#content> acessado em 20/05/2011.

INDESP. *Esporte com Identidade Cultural: Coletânea*. Organizado por José Eduardo de Souza e Silva – Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1988.

MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. 3º ed. rev. atual. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

MATTOS, Regiane Augusto de. *História e Cultura Afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Jair - *A Capoeiragem no Rio de Janeiro Através dos Séculos*, 2º edição, outubro 2009 Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. Campinas, SP: s.n. 1996.

REIS, Letícia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar: A capoeira no Brasil*. 1º Ed. São Paulo, 1997.

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola*. Salvador: Ed. Itapoan, 1968.

REVISTA, Textos do Brasil – Ed. Nº14 – *Capoeira*: Novembro de 2008.

SANTIN, Silvino. *Esporte com Identidade Cultural*. Org. José Eduardo de Souza e Silva. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.

SILVA, Paula Cristina da Costa – *A Educação Física na roda de capoeira... entre a tradição e a globalização* – Campinas, SP: sn, 2002 – Dissertação de Mestrado Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* / Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2006.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negrada Instituição: os capoeiras no RJ 1850-1890* – Dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Campinas. Campinas SP. SN. 1993

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A capoeira escrava no Rio de Janeiro: 1808-1850*. Tese de Doutorado em Historia na Universidade Estadual de São Paulo. Campinas, SP: Sn. 1998

SODRÉ, Muniz. *Capoeira e Identidade: Esporte com Identidade Cultural*. Org. José Eduardo de Souza e Silva. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.

STUART, Hall. *A identidade Cultural na Pós – Modernidade*. Tradução: Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TRIUNFO, Vera. *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da Capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint. 2ª ed. 1998.